

Portuguese

O DIREITO DA CRIANÇA SURDA DE CRESCER BÍLINGÜE

The Portuguese translation of

“The right of the deaf child to grow up bilingual”

by François Grosjean

University of Neuchâtel, Switzerland

Translated by

Sergio Lulkin

This translation was made possible by a collaborative project between the University of Neuchâtel, Switzerland (Language and Speech Laboratory) and Gallaudet University (Signs of Literacy Program) and was funded by The Parthenon Trust and the Elysium Foundation.

O DIREITO DA CRIANÇA SURDA DE CRESCER BÍLINGÜE¹

François Grosjean
Universidade de Neuchâtel – Suíça

Toda criança surda, qualquer que seja o nível da sua perda auditiva, deve ter o direito de crescer bilingüe. Conhecendo e usando a língua de sinais e a língua oral (na sua modalidade escrita e, quando for possível, na sua modalidade falada) a criança alcançará um completo desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais.

O que necessita fazer a criança surda com a linguagem?

Através da linguagem a criança surda deve cumprir uma série de tarefas:

1. Comunicar com seus pais e familiares o mais cedo possível. Uma criança ouvinte, normalmente, adquire a língua nos primeiros anos de vida se está exposta a ela e pode percebê-la. O uso da língua é um meio importante para estabelecer e solidificar os vínculos sociais e pessoais entre a criança e seus pais. O que é uma realidade para a criança ouvinte deve ser também para a criança surda. A criança surda deve ser capaz de comunicar com os seus pais através de uma língua natural, tão pronta e integralmente quanto possível. Através da linguagem ocorre grande parte do estabelecimento de vínculos afetivos entre a criança e seus pais.
2. Desenvolver suas capacidades cognitivas durante a infância. Através da língua a criança desenvolve suas capacidades cognitivas, capacidades de importância crítica para seu desenvolvimento pessoal. Entre estas capacidades encontramos diferentes tipos de raciocínio, pensamento abstrato, memorização, etc. A ausência total de uma língua, a adoção de uma língua não natural ou o uso de uma língua que é pobremente percebida ou conhecida pode ter consequências negativas importantes no desenvolvimento cognitivo da criança.
3. Adquirir conhecimentos sobre o mundo. A criança adquirirá conhecimentos sobre a realidade exterior principalmente através do uso da língua. Comunicando com os seus pais, familiares e outras crianças ou adultos, a criança intercambiará e processará a informação sobre o mundo que a rodeia. Estes conhecimentos servirão como base para as actividades que ocorrerão na escola e facilitarão a compreensão da língua. Não existe uma verdadeira compreensão da língua sem o apoio de tais conhecimentos.
4. Comunicar integralmente com o mundo circundante. A criança surda, como a criança ouvinte, deve ser capaz de comunicar de modo integral com todas aquelas pessoas que formam parte de sua vida (pais, irmãos, grupos de pares, professores, adultos, etc.). A comunicação deve proporcionar uma certa quantidade de informações numa língua apropriada para o interlocutor e adequada ao contexto. Em alguns casos será a língua de sinais, em outros será a língua oral (em alguma de suas modalidades) e noutros serão ambas as línguas alternadamente.
5. Pertencer culturalmente a dois mundos. Através do uso da língua a criança surda deverá converter-se progressivamente em membro do mundo ouvinte e do mundo surdo. Deverá identificar-se, ao menos em parte, com o mundo ouvinte que é quase sempre o mundo de seus pais e familiares (90% das crianças surdas tem pais ouvintes). Mas a criança também deverá entrar em

¹ Este breve texto é o resultado de muitos anos de reflexão sobre o bilingüismo e a surdez. As pessoas que cercam as crianças surdas (pais, médicos, logopedas, educadores, etc.), freqüentemente não os percebem como futuros indivíduos bilingües e como futuros membros de duas culturas. Pensando nessas pessoas escrevi estes parágrafos. Quero agradecer aos seguintes companheiros e amigos por seus úteis comentários e sugestões: Robbin Battison, Penny Boyes-Braem, Eve Clark, Lysiane Grosjean, Judith Johnston, Harlan Lane, Rachel Mayberry, Lesley Milroy, Ila Parasnian and Trude Schermer. Finalmente quero agradecer a Sergio Lulkin que traduziu este texto para o português e a Suzana Silva por suas leituras atentas.

contacto, logo que possível, com o mundo das pessoas surdas, seu outro mundo. A criança deve sentir-se cômoda em ambos os mundos e deve ser capaz de identificar-se com cada um deles na medida do possível.

O bilingüismo é o único modo de satisfazer estas necessidades

O bilingüismo é o conhecimento e uso regular de duas ou mais línguas. Um bilingüismo língua oral/língua dos sinais é a única via através da qual a criança surda poderá ser atendida nas suas necessidades, quer dizer, comunicar com os pais desde uma idade precoce, desenvolver as suas capacidades cognitivas, adquirir conhecimentos sobre a realidade externa, comunicar plenamente com o mundo circundante e converter-se num membro do mundo surdo e do mundo ouvinte.

Que tipo de bilingüismo ?

O bilingüismo da criança surda implica o uso da língua de sinais, usada pela comunidade surda, e a língua oral usada pela maioria ouvinte. Esta última adquire-se na sua modalidade escrita e, quando possível, na sua modalidade falada. Em cada criança as duas línguas jogarão papéis diferentes: em algumas crianças predominará a língua de sinais, em outras predominará a língua oral e noutras haverá um certo equilíbrio entre ambas as línguas. Ainda, devido aos diferentes níveis de surdez possíveis e à complexa situação de contacto entre ambas as línguas (quatro modalidades linguísticas, dois sistemas de produção e dois de recepção, etc) podemos encontrar diferentes tipos de bilingüismo, isto é, a maioria das crianças surdas adquirirá níveis distintos de bilingüismo e “biculturalismo²”. Nesse sentido não se diferenciam de metade da população mundial, aproximadamente, que convive com duas ou mais línguas (estima-se que há no mundo, actualmente, tantas pessoas – se não mais – bilingües quanto monolíngues). Como outras crianças bilingües, as crianças surdas usarão ambas as línguas nas suas vidas quotidianas como membros integrantes de dois mundos, neste caso, o mundo ouvinte e o mundo surdo.

Qual é o papel da língua de sinais?

A língua de sinais deve ser a primeira língua (ou uma das primeiras) adquirida pelas crianças com uma perda auditiva severa. A língua de sinais é uma língua natural, plenamente desenvolvida, que assegura uma comunicação completa e integral. Diferentemente da língua oral, a língua de sinais permite às crianças surdas em idade precoce de comunicar com os pais plenamente, desde que ambos adquiram-na rapidamente. A língua de sinais tem papel importante no desenvolvimento cognitivo e social da criança e permite a aquisição de conhecimentos sobre o mundo circundante. Permitirá à criança um desenvolvimento de sua identificação com mundo surdo (um dos dois mundos aos quais a criança pertence) logo que entre em contacto com esse mundo. E mais, a língua de sinais facilitará a aquisição da língua oral, seja na modalidade escrita ou na modalidade falada. É sabido que uma primeira língua adquirida com normalidade, trate-se de uma língua oral ou de uma língua de sinais, estimulará em grande medida a aquisição de uma Segunda língua. Finalmente, o facto de ser capaz de utilizar a língua de sinais será uma garantia de que a criança maneja pelo menos uma língua. Apesar dos consideráveis esforços feitos por parte das crianças surdas e dos profissionais que os rodeiam, e apesar do uso de suportes tecnológicos, o facto é que muitas crianças surdas têm grandes dificuldades para perceber e produzir uma língua oral na sua modalidade falada. Esperar vários anos para alcançar um nível satisfatório que pode não ser alcançado, e negar durante esse tempo o acesso da criança surda a uma língua que satisfaça as suas necessidades (a língua de sinais) é praticamente aceitar o risco de um atraso no seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social ou pessoal.

Qual é o papel da língua oral?

Ser bilingüe significa saber e utilizar duas ou mais línguas. A segunda língua das crianças surdas será a língua oral usada pela comunidade ouvinte à qual também pertencem. Esta língua, na sua

² Ser “bicultural” significa identificar-se culturalmente com duas comunidades linguísticas.

modalidade falada e/ou escrita, é a língua de seus pais, irmãos, parentes, futuros amigos, empregados, etc. Quando aqueles que convivem com a criança surda não conhecem a língua de sinais é importante que a comunicação se faça, ainda que isto só possa ocorrer através da língua oral. Também a língua oral, principalmente na sua modalidade escrita, será um meio importante para a aquisição de conhecimentos. Grande quantidade do que aprendemos se transmite através da escrita, tanto em casa como depois na escola. Por isso, o êxito acadêmico da criança surda e seus futuros sucessos profissionais dependerão em grande medida de um bom manejo da língua oral na sua modalidade escrita e, quando possível, na modalidade falada.

Conclusões

É nosso dever permitir à criança surda a aquisição de duas línguas, a língua de sinais da comunidade surda (como primeira língua se a sua perda auditiva é severa) e a língua oral da maioria ouvinte. Para isso, a criança deve ter contacto com as duas comunidades linguísticas e deve sentir a necessidade de aprender e usar ambas as línguas. Contar exclusivamente com uma língua, a língua oral, devido aos recentes avanços tecnológicos, é jogar com o futuro da criança surda. É arriscar seu desenvolvimento cognitivo e pessoal e negar-lhe a possibilidade de se identificar culturalmente com os dois mundos aos quais pertence. Ter contato desde uma idade precoce com duas línguas oferecerá à criança muito mais recursos do que tendo apenas uma língua, qualquer que seja seu futuro e qualquer que seja o mundo em que escolherá viver (as vezes só num deles). Ninguém se arrepende de saber várias línguas mas sim quando sabe pouco, ainda mais quando o próprio desenvolvimento está em jogo. A criança surda deveria ter o direito de crescer bilingüe e é nossa responsabilidade ajudá-la nisso.

Do mesmo autor:

- Grosjean, F. (1982). *Life with two languages: An introduction to Bilingualism*. Cambridge, MA : Harvard University Press.
- Grosjean, F. (1987). Bilingualism. In *Gallaudet Encyclopedia of Deaf People and Deafness*. New York : McGraw-Hill.
- Grosjean, F. (1992). The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf world. *Sign Language Studies*, 77, 307-320.
- Grosjean, F. (1993). La personne bilingüe et biculturelle dans le monde des entendants et des sourds. *Nouvelle pratiques sociales*, 6(1), 69-82.
- Grosjean, F. (1993). Le bilingüisme et le biculturalisme: essai de définition. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)*, 19, 13-42.
- Grosjean, F. (1994). Individual bilingualism. In *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press.
- Grosjean, F. (1994). Sign bilingualism : Issues. In *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press.
- Grosjean, F. (1996). Living with two languages and two cultures. In I. Parasnian (Ed.), *Cultural and Language Diversity: Reflections on the Deaf Experience* (pp. 20-37). Cambridge : Cambridge University Press.